



CADERNO DE SUGESTÕES

Livro **Histórias de índio**

Autoria

Fátima Fonseca

Especialista do Instituto Avisa Lá

Coordenação

Ana Carolina Carvalho

Érica de Faria Dutra

Coordenadoras do Instituto Avisa Lá



CADERNO DE SUGESTÕES DO(A) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

Livro

Histórias de índio

Autor

Daniel Munduruku

Ilustradora

Laurabeatriz

Indicação

6º e 7º anos — crianças a partir de 10 anos de idade

Gênero literário

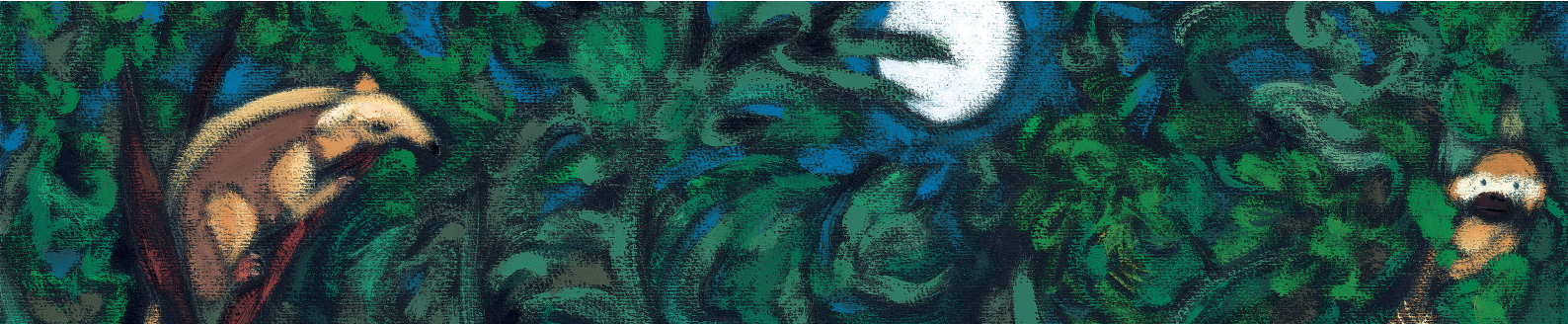
Crônica

Conteúdo

Instituto Avisa Lá

Revisão

Patricia Calheiros



SUMÁRIO

Carta de apresentação	IV
Por que ler <i>Histórias de índio</i>?	V
Quem escreveu e quem ilustrou este livro	VI
Relevância da obra	VII
Contribuição deste livro para a formação leitora	IX
Propostas de mediação	X
O título do livro	XI
A crônica como crítica social	XII
O menino que não sabia sonhar	XIII
O conhecimento como forma de valorização e respeito	XV
Atividades e Projetos literários	XV
Atividades	
Do que sabemos ao que descobrimos em <i>Histórias de índio</i>	XV
A língua munduruku	XVI
Debate e painel sobre temas sensíveis	XVII
Projetos	
A diversidade linguística dos povos originários	XVII
Mostra cultural indígena: conhecendo histórias e saberes	XVIII
Recursos complementares	XIX
Referências bibliográficas	XIX



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Caro(a) educador(a) mediador(a),

O *Caderno de sugestões do(a) educador(a) mediador(a)* é um material que contribui para sua mediação de leitura. Traz propostas e informações sobre o livro *Histórias de índio* para leitores dos Anos Finais do Ensino Fundamental, 6º e 7º anos, e a partir de 10 anos de idade. Começa com uma apresentação da obra e da autoria, expondo a relevância da obra no desenvolvimento de práticas leitoras e letramentos nas escolas e bibliotecas. Depois, há propostas para apoiar a mediação de leitura, por meio de caminhos para mergulhar neste livro, além de atividades práticas e projetos literários — sempre valorizando aspectos da literatura que dialogam com as experiências de vida dos leitores. Por fim, há recursos complementares a serem explorados na mediação e as referências bibliográficas que fundamentaram a elaboração deste material.

O livro *Histórias de índio*, do escritor e educador indígena Daniel Munduruku, reúne um conto de matriz tradicional, crônicas autobiográficas e um panorama informativo dos povos indígenas no Brasil, em especial do povo Munduruku, revelando suas tradições, saberes e modos de viver, além de mostrar como são percebidos no “mundo dos brancos”, evidenciando preconceitos e estereótipos. O livro confere legitimidade às vozes retratadas, amplia a representatividade e promove reflexão sobre identidade, diversidade e respeito às culturas originárias. Esse gesto estético e político trata com sensibilidade temas como preconceito, apagamento e desigualdade e favorece uma formação antirracista e decolonial, alinhada com a Lei n. 11.645 (Brasil, 2008). As ilustrações de Laurabeatriz expandem o repertório do leitor e oferecem caminhos seguros de mediação ética e crítica.

Este caderno foi produzido com a supervisão do Instituto Avisa Lá — Formação Continuada de Educadores, organização da sociedade civil sem fins lucrativos que vem contribuindo, desde 1986, para qualificar a prática educativa nas escolas públicas e em outros espaços educativos brasileiros. Desejamos que essa leitura inspire caminhos e promova diálogos férteis, reafirmando a literatura como um espaço de resistência, pertencimento e equidade.

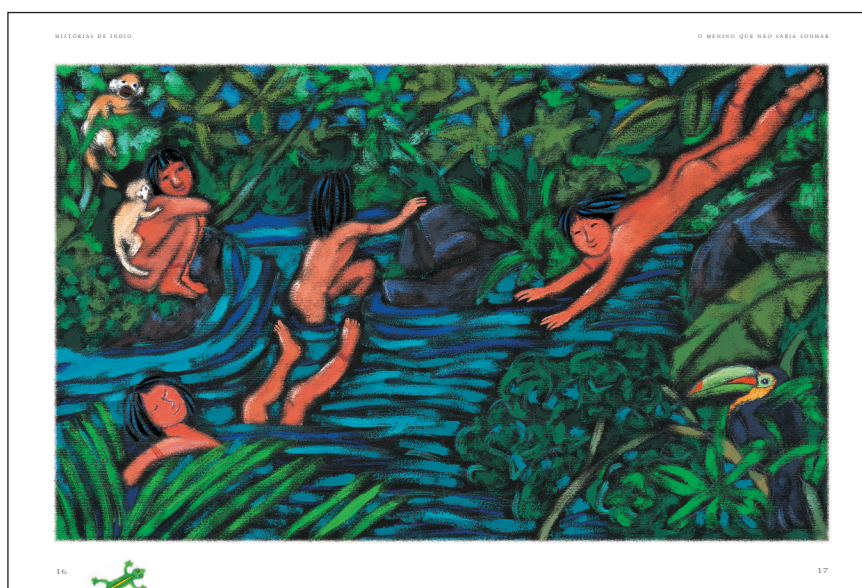
Bom trabalho!



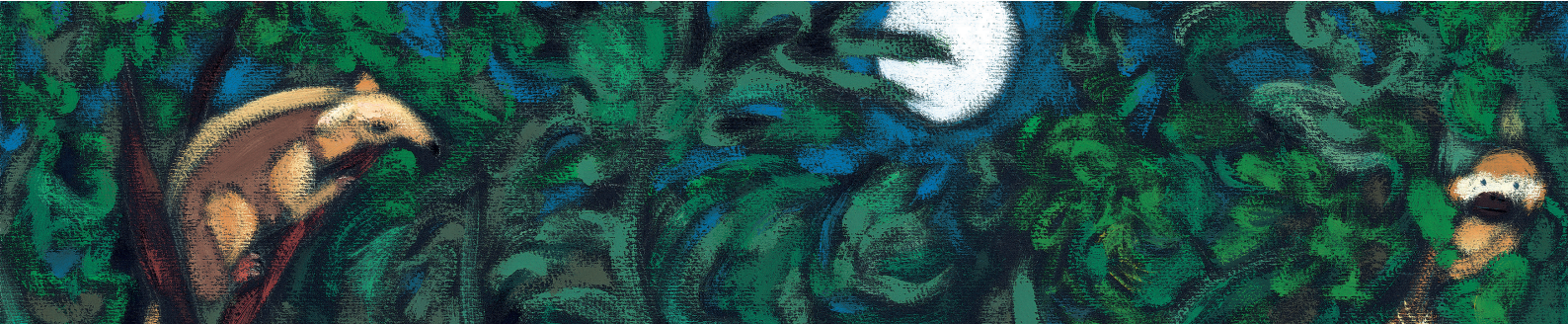
POR QUE LER *HISTÓRIAS DE ÍNDIO*?

Como afirma Daniel Munduruku na crônica “Meus tempos de criança”: “Se alguém quiser compreender minha cultura, comece a ler nossas histórias, comece a sintonizar com os nossos heróis, comece a vivenciar nossa poesia!” (p. 40). É justamente essa experiência literária e estética que a obra oferece: a possibilidade de conhecer mais de perto as culturas indígenas e, em especial, o modo de vida do povo Munduruku, que “vive hoje numa área demarcada às margens do rio Tapajós e seus afluentes, no estado do Pará” (p. 42).

As ilustrações de Laurabeatriz constituem uma narrativa paralela que contribui tanto para a imersão no universo retratado como para a ampliação das referências estéticas do leitor, conduzindo-o para um contato com uma realidade muitas vezes distante, sem recorrer a caricaturas ou simplificações. Em seus traços, ganham vida os detalhes da floresta e os modos de viver e de se organizar do povo Munduruku, revelando um cotidiano em diálogo constante com a natureza.



No âmbito informativo, o livro se enriquece ainda mais com desenhos feitos por crianças Munduruku da comunidade do autor, que registram cenas do dia a dia na aldeia. Esses elementos visuais, ao mesmo tempo singelos e representativos, estabelecem uma ponte entre mundos: o dos leitores — que, em muitos casos, vivem realidades tão distintas — e o da comunidade indígena. É nesse encontro com a diferença que reside a possibilidade de aprender a conviver com ela e, sobretudo, de reconhecê-la e respeitá-la.



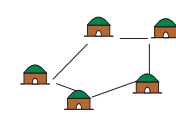
HISTÓRIAS DE INDÍO

AS HABITAÇÕES


As casas indígenas são construídas obedecendo a uma lógica da organização da sociedade. As sociedades mais numerosas dão o nome de *aldeia* para o conjunto de casas construídas num espaço mais próximo e que ordenam o modo de viver e relacionar-se uns com os outros.

O formato da aldeia é muito variado. Vejamos os mais comuns:

1. **Aldeias circulares:** encontradas entre povos do Brasil central, onde as habitações de famílias extensas são dispostas circularmente na periferia de uma praça central. É o caso dos grupos indígenas Kamataura, Bororo e Krahô, que habitam a região.



2. **Aldeias retangulares:** dispostas em forma de U, podem ter sido construídas a partir do modelo circular, como é o caso dos Sirui, índios da região amazônica.



48




HISTÓRIAS DE INDÍO

O CASAMENTO ENTRE OS BORORO

Entre os índios Bororo é quase sempre a moça quem toma iniciativa de declarar ao jovem escolhido o seu desejo de se casar com ele. Para isso prepara-lhe uma refeição e, acompanhada da mãe, leva-a à cabana onde mora o rapaz, por volta do meio-dia. A mãe da moça é quem entrega o alimento, dizendo: "Meu genro, vim com minha filha que deseja viver contigo, porque te quer bem". Em geral o rapaz não responde imediatamente. Continua a fazer o trabalho, como se nada tivesse acontecido. Após a moça e sua mãe se retirarem, o jovem toma uma decisão: se quer casar com ela, saboreia o alimento oferecido; se não quer casar, não o come. Encarrega então sua mãe de devolver o recipiente cheio ou vazio à mãe da moça, juntamente com a resposta. Outras vezes é a moça sozinha quem leva o alimento ao rapaz de sua escolta, convidando-o para morar com ela. Desjeando mesmo casar, o rapaz, depois de alguns dias, vai caçar, entregando o animal que tenha matado à sua mãe, que o prepara, oferecendo-o à moça; com esse oferecimento a jovem sabe que foi aceita como esposa. No mesmo dia, a mãe do rapaz pinta e enfeita o corpo da moça, cingindo-lhe os pulsos com tiras de algodão, que é o sinal da mulher casada. A moça volta à casa da mãe e acende uma nova fogueira em torno da qual viverá a nova família.

Em sociedades indígenas, porém, que não marcaram o casamento com nenhum rito ou reduzem este ao mínimo. Entre os Tenetehara, por exemplo, uma vez arranjado o casamento, escolhe em que o chefe da família da moça tem parte muito alta, pois que um genro trabalhador, o noivo muda-se para a casa da noiva com seus pertences, passando a dormir com ela desde logo, ou esperando que se desenvolvesse, se ainda é menina.

Julio Cesar Melani: Índios do Brasil, São Paulo, Brasiliense, 1993, pp. 126-7.



50

Quem escreveu e quem ilustrou este livro

Daniel Munduruku nasceu no Pará, em 1964. É escritor, professor, ator e ativista pertencente ao povo Munduruku. Reconhecido como o primeiro autor indígena a publicar literatura infantil no Brasil, escreveu mais de 60 livros, a maioria voltada ao público infantil e juvenil. Suas obras resgatam a tradição oral indígena por meio de fábulas, contos e mitos de criação. Também escreve crônicas e textos acadêmicos sobre questões educacionais, identitárias, culturais e linguísticas.

Seus livros receberam diversos prêmios e reconhecimentos, como a menção honrosa da Unesco, por *Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da (minha) memória* (2002); o Prêmio Jabuti 2017, categoria juvenil, por *Vozes ancestrais: dez contos indígenas* (2016); e o Selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), categoria reconto (2017), por *Wahtirã: a lagoa dos mortos* (2016).

Laurabeatriz nasceu no Rio de Janeiro, em 1949, e vive em São Paulo desde a década de 1980. Ilustradora consagrada, sua trajetória é marcada pela atenção à natureza e pela delicadeza do traço. Ao lado do escritor Lalau, com quem em 2024 completou 30 anos de parceria, publicou dezenas de livros voltados à temática ambiental, com especial destaque para a fauna brasileira. Dentre suas obras mais conhecidas estão *Bem-te-vi e outras poesias* (1994), *Fora da gaiola* (1995) e *Girassóis* (1995), trilogia premiada com o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.



Relevância da obra

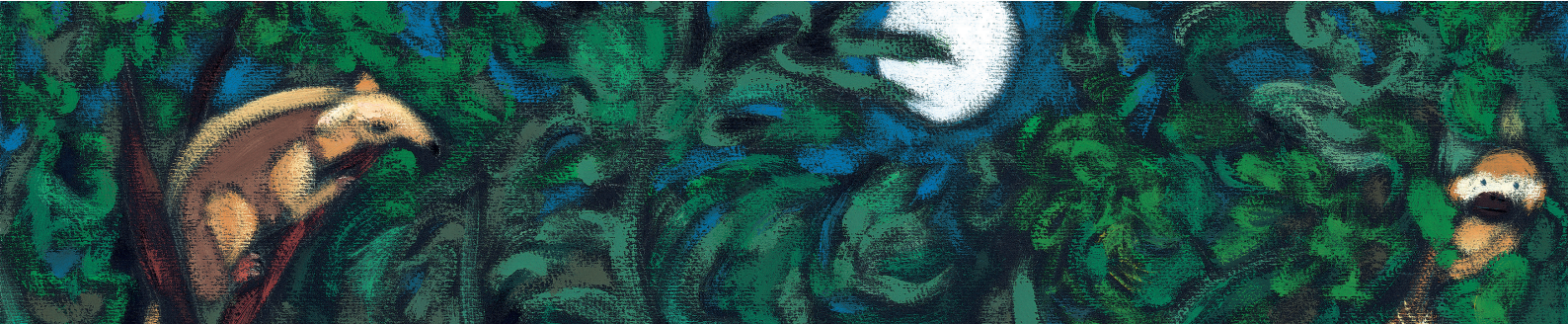
A literatura de Daniel Munduruku extrapola o entretenimento: é também um gesto de resistência e reafirmação de narrativas silenciadas. *Histórias de índio* é considerado um marco na história da literatura indígena brasileira, pois, até sua publicação, em 1996, o acesso de autores indígenas ao mercado editorial era bastante limitado. Sua obra abriu esse caminho, inaugurando possibilidades de circulação e reconhecimento da produção literária indígena. Como destaca o escritor e jornalista Fred Di Giacomo:

Em 1996 a publicação de *Histórias de índio* (Companhia das Letras), de Daniel Munduruku, deu início a um boom do que se chamou “literatura indígena”, transformada pelas grandes editoras em um nicho de livros infantojuvenis. Foi nessas décadas que floresceu o que a escritora e acadêmica Graça Graúna chama de “literatura indígena contemporânea” (livros com autoria individual e elementos da literatura ocidental que se diferenciavam dos mitos orais da “literatura indígena clássica”) (2020).

Além do caráter pioneiro, esta obra é fundamental pela força crítica. O autor apresenta os modos de vida dos povos indígenas e, ao mesmo tempo, evidencia como eles foram — e ainda são — vistos no “mundo dos brancos”. Esse contraste revela diferentes formas de compreender o mundo e estimula reflexões sobre identidade, diversidade cultural e justiça social. Assim, o livro contribui para ampliar o olhar sobre os efeitos de uma perspectiva colonizadora e para reforçar a importância de reconhecer as vozes indígenas em sua autonomia e complexidade.

No conto “O menino que não sabia sonhar”, (p. 11), o leitor é convidado, pela ficção, a mergulhar no modo de vida do povo Munduruku e a se aproximar de suas tradições. A narrativa revela a força dos antepassados, a sabedoria herdada dos que vieram antes, o valor dos sonhos e a presença dos espíritos superiores que orientam a comunidade: “Nosso povo está sofrendo. Precisamos de alguém que tenha a sabedoria dos velhos, dos espíritos antepassados, e a juventude do guerreiro, e possa ir ajudando nosso povo a resistir com bravura. Os espíritos dos antepassados o escolheram para ser esse líder” (p. 21-22).

Como destaca o professor e crítico literário Antonio Candido, a crônica está “sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas” (1992, p. 13). Assim, por meio desse gênero, Daniel Munduruku constrói cenas marcadas pelo encontro entre dois mundos que pouco conhecem um ao outro. Os títulos já anunciam esse choque de percepções e expectativas: “É índio ou não é índio?” (p. 34); “Índio come gente?” (p. 35); “O que fazer com os mosquitos?” (p. 40).



Com humor e ironia, o autor traz à tona preconceitos e equívocos historicamente alimentados sobre os povos indígenas, muitos deles tão naturalizados que os próprios leitores poderão reconhecê-los em suas experiências. Ao desconstruir essas ideias feitas, as crônicas não apenas revelam as distorções de um olhar externo, mas também convidam a refletir sobre a necessidade de se aproximar da alteridade com respeito e curiosidade genuína, e não por meio de estereótipos:

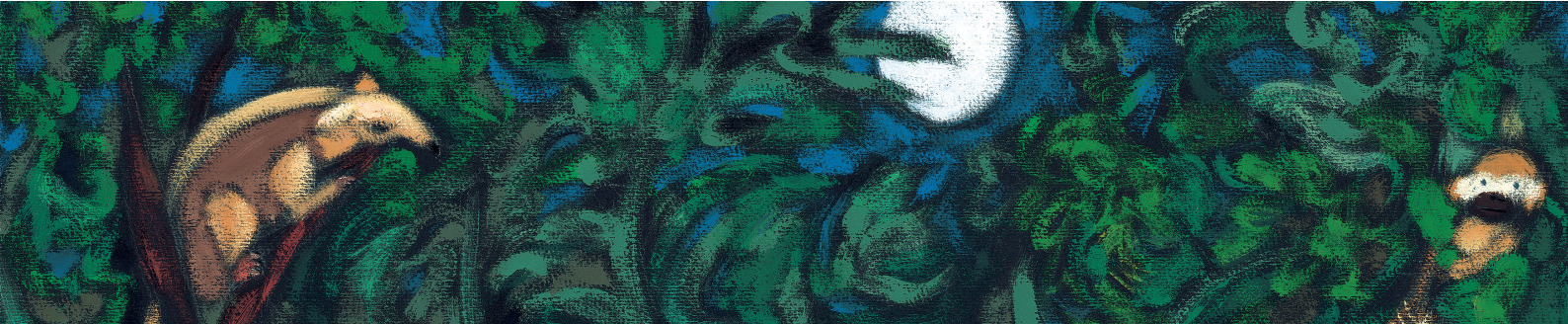
— É verdade que índio come gente? O senhor já comeu gente? Que gosto tem? Foi o senhor quem matou a pessoa? Era criança ou adulto? Tem o mesmo gosto de carne de vaca? O senhor não tem nojo? Andrezinho não quis saber as respostas. Saiu correndo, apontando o dedo para mim e repetindo para seus colegas:
— Índio come gente... Índio come gente... Índio come gente (p. 36).

Vale destacar que o próprio título da obra já se apresenta como um convite à reflexão e um desafio lançado ao leitor. Como observa o autor na introdução: “O título do livro é uma provocação aos leitores, pois hoje em dia não se fala mais em ‘índio’, mas em ‘indígena’, uma palavra que significa ‘originário’ e é a melhor forma de se referir às pessoas que pertencem a um povo ancestral” (p. 9). Ao explicitar essa escolha, Daniel Munduruku coloca em evidência a força das palavras e o poder que elas têm de perpetuar ou de desconstruir estereótipos.

Nesse gesto inicial, a obra já anuncia sua relevância: provocar o leitor a pensar acerca das formas de nomear, dos sentidos que carregamos sem perceber, das mudanças necessárias em nosso vocabulário e, sobretudo, de nossa mentalidade. *Histórias de índio* abre espaço para conversas urgentes, para discussões que atravessam a escola e a sociedade e para a possibilidade de ressignificar olhares e práticas diante da diversidade dos povos originários.

Finalizando essa costura, o livro oferece informações atualizadas sobre os povos indígenas no Brasil e, de modo mais detalhado, sobre o povo Munduruku. O leitor encontra desde dados gerais até aspectos do cotidiano, como a diversidade cultural e linguística, as formas de casamento, os tipos de habitação, entre outros elementos que compõem a vida desses povos.

Em lugar de uma visão homogênea, o que se revela é a riqueza das diferenças: modos distintos de viver, de se organizar, de celebrar e de habitar o mundo. Dessa forma, não apenas informa, mas também educa o olhar, permitindo que o leitor perceba a multiplicidade de experiências indígenas e compreenda que falar de povos originários é falar de diversidade e resistência.



Contribuição deste livro para a formação leitora

Ler é desvendar outros mundos, é a possibilidade de um encontro com outras formas de compreensão da realidade, outros personagens, outras experiências. Nesse sentido, ler uma obra como *Histórias de índio* é conhecer uma cultura que pode ampliar o horizonte dos leitores, permitindo que entendam melhor as origens da grande diversidade cultural brasileira que constitui o mundo ao seu redor, construindo um olhar atento às questões dos povos originários.

A escolha desta obra pode contribuir para a formação dos leitores dos 6º e 7º anos e a partir dos 10 anos de idade por muitas razões, como a possibilidade de conhecer e entender melhor os povos originários, em especial o povo Munduruku, aprofundar conhecimentos prévios sobre esses povos e ampliar imaginários de forma a evitar generalizações que reforcem estereótipos e preconceitos.

Sendo uma obra de autoria indígena, *Histórias de índio* resgata a força da tradição oral e, ao mesmo tempo, pelas crônicas, lança luz sobre questões contemporâneas ainda relacionadas aos povos originários. Nesse movimento, realiza o que Carina Pataxó define como uma “atualização da memória ancestral. Memória esta que utilizou a oralidade como equipamento preferencial para a difusão dos saberes tradicionais” (2024, p. 94). Assim, o livro costura passado e presente, permitindo que a palavra ancestral continue viva, dialogando com novos leitores e contextos. A literatura é um direito humano, como defende Antonio Candido (2011), e é por meio dela que experiências individuais ganham contornos universais, promovendo reflexão, empatia e transformação.

Histórias de índio oferece valiosas contribuições para a formação de leitores ao destacar a linguagem como espaço de expressão de subjetividades e identidades. A obra também desmonta, com humor e ironia, as imagens reducionistas que ainda circulam sobre os povos originários. A leitura deste livro, portanto, torna-se fundamental para desconstruir visões exóticas e discriminatórias em torno dos povos indígenas, construídas em razão de uma herança colonial. Como explica Julie Dorrico, escritora e pesquisadora descendente do povo Macuxi:

a literatura indígena infantojuvenil dá-se a conhecer via narrativa: na descrição do cotidiano, dos modos de vida tradicionais, da história das organizações sociais, das crenças, das lutas políticas, indo por outro caminho que não a famigerada armadilha do exótico, que os lança ao passado e os proíbe de desfrutar o presente (2020).



Longe de preceitos utilitaristas ou moralizantes, o livro reafirma a importância do desenvolvimento do senso literário e estético, tanto nos espaços escolares quanto nas bibliotecas públicas e comunitárias — caminho que será aprofundado nas propostas apresentadas neste caderno de sugestões.

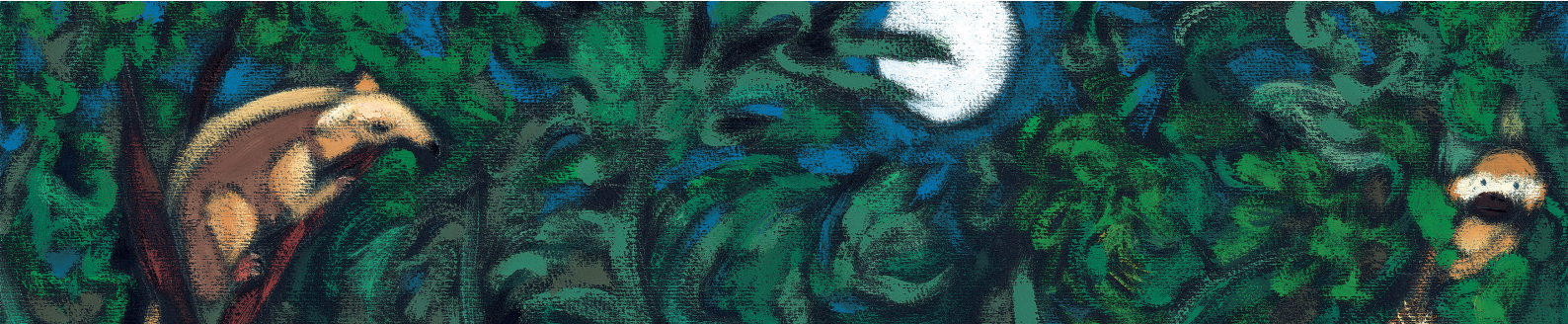
PROPOSTAS DE MEDIAÇÃO

A mediação de leitura da obra *Histórias de índio*, de Daniel Munduruku, pode possibilitar um ambiente para a ampliação do repertório cultural dos leitores. Nas escolas ou nas bibliotecas públicas, sua leitura tem o potencial de propiciar um mergulho em imaginários muitas vezes invisibilizados pela cultura escolar, promovendo um exercício de escuta sensível e de valorização da interculturalidade, tão urgentes na formação leitora. Por meio das narrativas, das ilustrações e das informações complementares, abre-se a possibilidade de questionar visões estereotipadas e de construir uma compreensão mais ampla e respeitosa sobre os povos indígenas no Brasil, reconhecendo sua diversidade cultural, linguística e social.

Uma proposta de mediação deve favorecer o intercâmbio de ideias, por meio de uma escuta ativa que permita a construção conjunta de sentidos, entendendo a leitura literária como um espaço de encontro entre textos, leitores e mundos. É relevante considerar que muitos leitores dos Anos Finais do Ensino Fundamental, especialmente do 6º e do 7º ano, estão em processo de consolidação de práticas leitoras mais aprofundadas. Por isso, é bastante oportuno que o(a) educador(a) mediador(a) ofereça um percurso para a leitura da obra que parta de uma situação mais guiada — sugerir caminhos interpretativos, destacar recursos narrativos e tensionar visões reducionistas sobre os povos originários e suas histórias — para momentos de leitura mais autônoma, nos quais os leitores podem se apoiar nas situações compartilhadas para colocar em jogo conhecimentos que contribuam para fortalecer sua formação leitora.

Iniciar com a leitura compartilhada pode ser uma escolha acertada, pois permite que os leitores tenham o livro em mãos e, guiados pela mediação, possam explorar a obra de forma mais atenta, estabelecendo pouco a pouco uma relação de familiaridade com a obra. Como aponta a especialista espanhola em literatura infantil e juvenil Teresa Colomer: “Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros” (2007, p. 143).

Assim, é fundamental que o(a) educador(a) mediador(a) planeje a apresentação do livro. Uma sugestão é ler previamente o conto inicial, organizando a forma de leitura. Para a leitura das crônicas, pode-se selecionar aquelas que serão lidas de maneira compartilhada e as que poderão ser exploradas de forma autônoma. Além disso, é possível elaborar questões que ampliem as possibilidades de conversa e favoreçam a escuta sensível em torno da obra — sempre com o objetivo de construir uma ponte significativa entre o livro e seus leitores.



É essencial assegurar momentos de leitura autônoma. Pode ser interessante entremear as sessões de leitura compartilhada com situações de leitura individual, para que haja espaços em que os leitores possam conversar, compartilhar impressões e relacionar o que leram de forma autônoma com os textos explorados coletivamente. Esses momentos de intercâmbio são fundamentais para ampliar a compreensão e enriquecer a construção de sentidos.

Há muitas formas de se adentrar um livro, como nos indica a crítica literária argentina Cecilia Bajour: “Os modos específicos de entrar nos textos podem partir de algumas chaves que cada livro sugira, ou de algum aspecto que se queira destacar ou no qual se queira intervir para construção de saberes literários” (2012, p. 63-64). Assim, ao explorar a obra, é fundamental refletir sobre sua temática e o modo como ela foi arquitetada e ampliar as possibilidades de fruição, pois, como afirma o especialista chileno em mediação de leitura Felipe Munita, se desejamos uma leitura mais participativa e distanciada, é preciso fazer uma imersão no texto, “com momentos para fazer emergir os mecanismos e procedimentos que os tornam tão atrativos aos olhos dos leitores” (2024, p. 108). Na proposta de mediação para este livro, é possível explorar diferentes chaves de leitura, como veremos a seguir.

O título do livro

Para iniciar a leitura de *Histórias de índio*, propõe-se uma conversa breve sobre a capa. Que sentimentos e imagens o título desperta? É interessante contextualizar que o termo “índio” advém da colonização, é genérico e exógeno, agregando em uma concepção homogênea centenas de povos diversos, apagando línguas, territórios e cosmologias. Nesse contexto, sugere-se explicar que a forma de tratamento atual (“indígena”) e a autodenominação (povo Munduruku, por exemplo) reconhecem a diversidade, os territórios, as cosmologias e os direitos. Vale apresentar a declaração de Daniel Munduruku a respeito do uso do termo “índio”:

Quando leem minha biografia, dizem que não sou mais índio, que já sou “civilizado”. Eu não sou índio e não existem índios no Brasil. Essa palavra não diz o que eu sou, diz o que as pessoas acham que eu sou. Essa palavra não revela minha identidade, revela a imagem que as pessoas têm e que muitas vezes é negativa (*apud* Seganfredo, 2017).





Dessa forma, *Histórias de índio* convida o leitor a problematizar termos correntes, como “índio” e “tribo”, desmontando caricaturas criadas no período colonial, reproduzidas por teorias racistas e perpetuadas no senso comum.

Por esse motivo, sugere-se adotar “povos indígenas” e, sempre que possível, a autodenominação, reforçando e reconhecendo assim línguas, territórios e modos de vida. Sempre que “índio” aparecer no texto, vale reler como “indígena” ou pelo “nome do povo”, explicitando aos leitores o porquê dessa escolha.

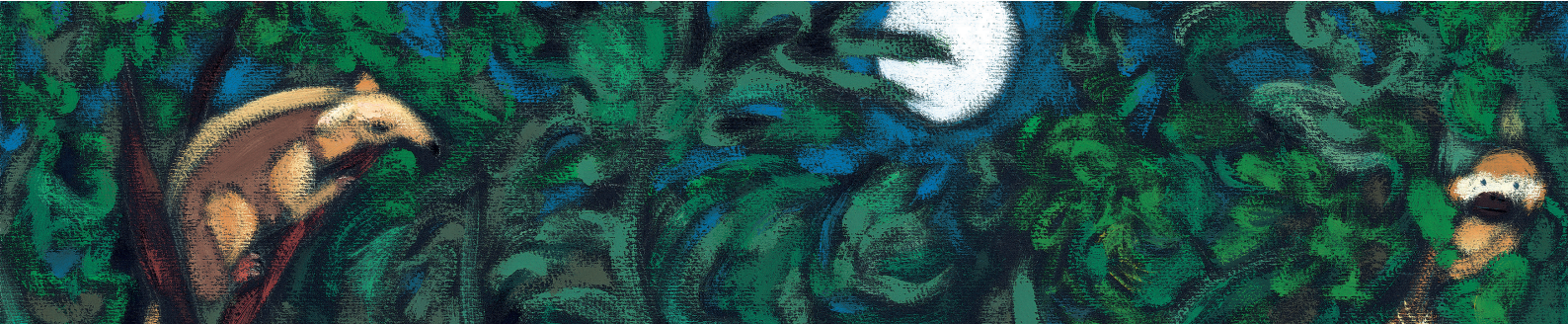
A crônica como crítica social

A crônica é um gênero literário caracterizado pela brevidade e pela atenção ao cotidiano. Como define o pesquisador Sérgio Roberto Costa (2020), trata-se de um texto curto, em geral publicado em jornais ou revistas, que parte de fatos cotidianos, pequenos acontecimentos ou situações triviais para suscitar reflexões mais amplas, muitas vezes atravessadas pelo humor, pela ironia ou pela crítica social. Essa capacidade de olhar para o que parece banal e transformá-lo em tema de reflexão torna a crônica um instrumento que aproxima os leitores de questões sociais, culturais e humanas de forma acessível e envolvente.

Em *Histórias de índio*, Daniel Munduruku utiliza a crônica como forma de aproximar o leitor da realidade indígena e das tensões que emergem do encontro entre culturas distintas. Com leveza, humor e ironia, ele expõe preconceitos e desconstrói estereótipos ainda muito presentes em nossa sociedade. Segundo a historiadora Rafaela Gracci Cecchi:

Através da literatura, os povos indígenas encontraram um caminho para expressar e afirmar suas identidades [...]. A memória dos povos tradicionais reside na oralidade, isto é, por meio dela que os mais velhos transmitem os conhecimentos e saberes para as novas gerações, Munduruku chama isto de “Memória Ancestral” [...], por mais que muitas etnias sofram constantes ataques, silenciamentos, etnocídios e “epistemocídio” [...], eles continuam vivos e suas memórias estão em constante movimento (2024, p. 29).

As crônicas que compõem o livro oferecem aos leitores uma perspectiva singular sobre a realidade indígena, por se tratar de relatos breves que partem do cotidiano e da experiência pessoal do autor, permitindo críticas sutis, porém contundentes, à forma muitas vezes caricatural com que os não indígenas enxergam os povos originários. Como afirma o próprio Daniel Munduruku:



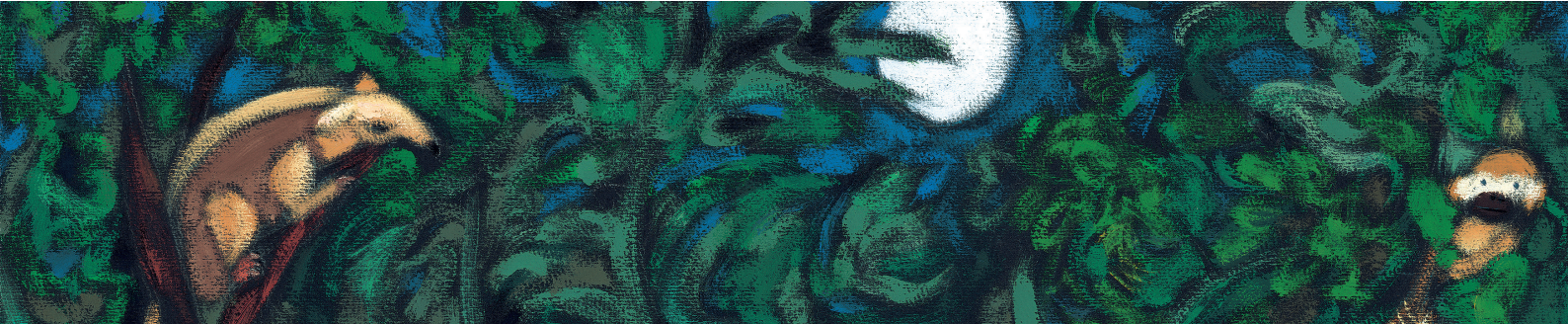
Nós indígenas somos contemporâneos, não estamos presos ao passado. O passado nunca foi uma prisão para nós, pelo contrário, sempre foi o motor da nossa liberdade e do nosso presente. O povo indígena é da natureza, da circularidade, que se sente parte de um coletivo, que quebra a visão capitalista, monocrática de achar que a vida é ser ocidental, ter dinheiro, ser alguém na vida. A felicidade está justamente na diversidade do Brasil, que aprendemos a não gostar (2021).

Na crônica “É índio ou não é índio?”, o autor ironiza a expectativa de que o indígena corresponda a uma imagem fixa e idealizada: “Eram meus primeiros dias em São Paulo, e eu gostava de andar de metrô e ônibus. Tinha um gosto especial em mostrar-me para sentir a reação das pessoas quando me viam passar” (p. 34). Em “Índio come gente?” (p. 35), retoma um dos preconceitos mais difundidos e o desarma com graça e reflexão, evidenciando como tais imagens foram forjadas pelo medo e pela ignorância. Por fim, em “Conversa com crianças”, ressalta a curiosidade infantil diante das diferenças, ao narrar a reação espontânea de uma criança ao conhecê-lo: “Esse aí que é o índio? Vestido desse jeito? Ah, então não tenho medo dele” (p. 37).

Assim, por meio de narrativas curtas e acessíveis, Daniel Munduruku mostra como a crônica pode desvelar, de maneira crítica e divertida, as contradições que ainda permeiam a forma como a sociedade brasileira enxerga os povos indígenas. Para os leitores dos Anos Finais do Ensino Fundamental, a leitura dessas crônicas é uma oportunidade de compreender que o gênero não se limita a um texto breve e engraçado, mas pode ser um espaço de crítica social e de valorização cultural.

O menino que não sabia sonhar

Daniel Munduruku escreveu o conto “O menino que não sabia sonhar” a partir de uma inquietação nascida em conversas com crianças em palestras que realizava: a necessidade de registrar e compartilhar as histórias de seu povo. A narrativa acompanha um menino destinado a ser pajé, mas que não sabia sonhar — justamente a mais antiga forma de aprendizado entre os Munduruku. Por meio dessa trama, o leitor é conduzido ao universo dos modos de vida indígenas, de seus rituais, da força dos sonhos e da presença dos espíritos superiores. A escrita, de tom poético e sensível, revela, por exemplo, a grandeza da função do pajé: “O pajé é, também, o sábio que cura as feridas escondidas no fundo da alma” (p. 28); “um pajé nunca adivinha, ele sabe” (p. 27).



As ilustrações de Laurabeatriz ampliam esse mergulho, retratando cenas do cotidiano da aldeia e da vida na floresta. Elas convidam a observar, comparar e refletir. O que essas imagens revelam? De que maneira dialogam com ideias prévias dos leitores sobre os povos originários? Como é viver dessa forma? E, afinal, seria uma vida melhor, pior ou apenas diferente da nossa? Questões como essas podem desencadear reflexões para enriquecer a leitura das crônicas.

Outro aspecto relevante é a linguagem. Como afirma o narrador: “Um dos elementos mais importantes da cultura de um povo é a sua língua” (p. 46). O conto incorpora termos em munduruku, acompanhados por um glossário ao final do livro. Essa aproximação com a língua do povo indígena torna a experiência de leitura mais significativa e abre caminho para conversas sobre diversidade linguística e cultural.

É possível perceber ainda a singularidade do narrar indígena, enraizado na tradição oral de contar histórias e distinto das narrativas das sociedades ocidentais. Não há a presença, por exemplo, do “Era uma vez...”, tão comum e emblemático dos contos de fada, começando de maneira mais direta, convidando o leitor a adentrar a história: “O pajé olhou com muito amor aquela criança que acabara de nascer. Sorriu e pensou na grande tarefa que teria pela frente: educar o menino na arte da pajelança, na tradição de seu povo, na religião” (p. 12).

No sonho do pequeno pajé Kaxi, emergem ainda temas sensíveis, que tocam feridas históricas. A intolerância e a dominação religiosa aparecem de forma contundente:

viu seu povo com vergonha de acreditar no Grande Espírito e nos seus ensinamentos; olhou no centro de sua aldeia e viu uma cruz, e percebeu que o Grande Espírito tinha sido banido pelos homens de roupa preta e pelas mulheres de roupa branca. Viu muita gente ajoelhada diante da cruz e fazendo fila para receber o Pão [...] (p. 29).

Outro trecho denuncia como os indígenas eram manipulados por meio da bebida alcoólica: “viu muitos guerreiros fortes atirados pelo chão por uma água de fogo que os deixava fora de si. Viu homens brancos que traziam essa água e negociavam para comprar suas terras. Na verdade, eles queriam comprar a sua alma” (p. 32).

Essas passagens possibilitam abordagens e mediações valorosas, na medida em que ajudam os leitores a refletir sobre questões históricas e culturais a partir da forma como cada sociedade constrói sentidos de sua existência em relação à natureza e à memória coletiva. A mediação, nesse caso, deve equilibrar sua autonomia interpretativa e a oferta de instrumentos que os ajudem a desenvolver uma leitura crítica e sensível. Mesmo diante de imagens duras ou desconcertantes, o(a) educador(a) mediador(a) pode confiar no texto, confiar nos leitores e, sobretudo, conduzi-los a perguntas, mais do que a respostas.



O conhecimento como forma de valorização e respeito

A leitura de *Histórias de índio* abre portas para narrativas poéticas e simbólicas, e para textos apresentando dados, explicações e reflexões sobre a cultura, a língua, os rituais e a visão de mundo dos povos indígenas. Ao lado das histórias, esses textos de caráter informativo assumem o papel de desfazer estereótipos e corrigir visões distorcidas, tão frequentes no imaginário não indígena. Eles oferecem uma aproximação clara e acessível às realidades indígenas, mostrando que se trata de povos que preservam tradições sem estar presos ao passado, mas nunca deixando de valorizá-lo, como forma de continuar existindo. Assim, os leitores são convidados a reconhecer a riqueza cultural dos indígenas e a refletir sobre a importância de respeitar sua língua, seus saberes e seus modos de vida.

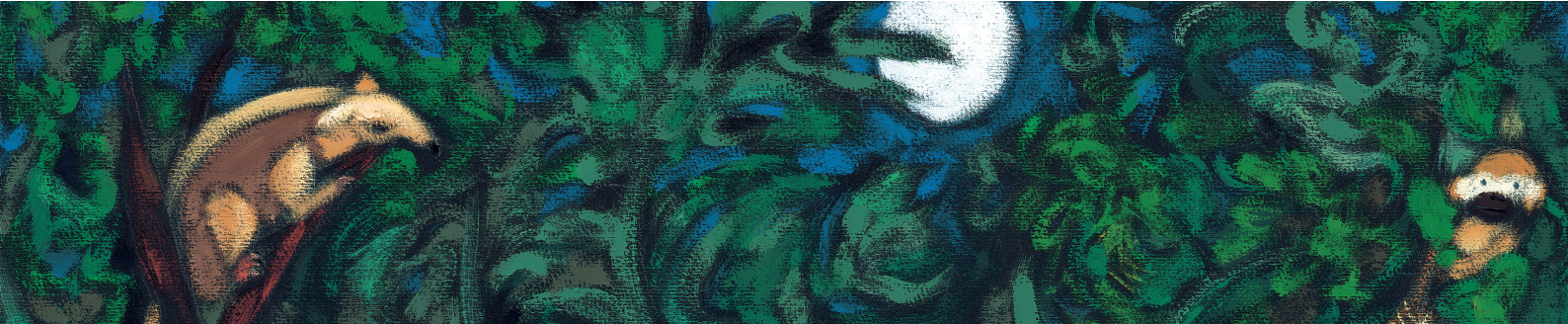
ATIVIDADES E PROJETOS LITERÁRIOS

Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, espera-se que os estudantes já sejam leitores fluentes, capazes de aprofundar suas experiências com a literatura, ampliando repertórios, compreendendo textos mais complexos e desenvolvendo uma postura crítica diante do que leem. Nas escolas, cabe promover práticas sistemáticas que incentivem a leitura autônoma e o debate interpretativo. Já nas bibliotecas, onde os acessos e agrupamentos são mais flexíveis, as mediações podem favorecer o engajamento dos leitores por meio da partilha de leituras e da construção coletiva de sentidos, criando vínculos que fortalecem a relação com os livros e com os outros. As atividades e projetos sugeridos neste caderno podem ser adaptados a diferentes contextos, sempre com o compromisso de afirmar a leitura como prática cultural, crítica e socialmente significativa.

Atividade **Do que sabemos ao que descobrimos em *Histórias de índio***

A leitura de *Histórias de índio* pode despertar a curiosidade sobre a vida dos povos indígenas, seus encontros com o mundo não indígena e os estereótipos que ainda circulam sobre eles. Para explorar essas questões com os leitores das escolas e bibliotecas públicas e comunitárias, o(a) educador(a) mediador(a) pode, antes da leitura da obra, construir coletivamente um painel (cartaz, mural ou em formato digital) com duas colunas: de um lado, registrar o que já se sabe sobre os povos indígenas hoje; do outro, o que ainda se gostaria de saber.



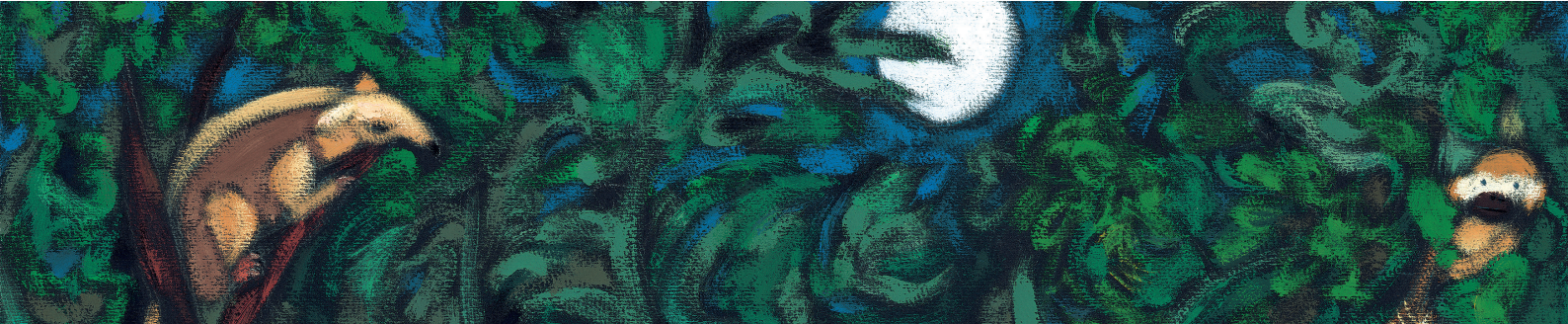


Ao longo da leitura, cada participante mantém um registro pessoal — em caderno, fichário ou aplicativo — dos aprendizados sobre a vida indígena, das perguntas e curiosidades, bem como dos estereótipos que o autor ajuda a desconstruir. Esses registros podem estimular rodas de conversa depois de leituras autônomas, nas quais os leitores podem compartilhar suas percepções, favorecendo o diálogo e o olhar coletivo sobre os textos. Ao final, o grupo deve retornar ao painel inicial e analisar o que mudou em relação ao que se sabia, quais perguntas foram respondidas e quais questões permaneceram. Essa produção pode ser o ponto de partida para novos projetos sobre os povos indígenas no Brasil, contribuindo para a desconstrução de preconceitos e a valorização das culturas originárias.

Atividade **A língua munduruku**

Antes da leitura do conto “O menino que não sabia sonhar”, sugere-se que os leitores identifiquem no texto as palavras escritas em munduruku (elas aparecem em *itálico*). Recomenda-se organizar a atividade para que cada participante fique responsável por um ou mais desses termos. A tarefa será registrá-las e buscar os significados no glossário disponível ao final do livro. É importante enfatizar que a pronúncia dessas palavras provavelmente não se assemelha ao português, mas isso não deve ser motivo de preocupação: cada um pode lê-las da forma que conseguir. O mais importante é que esse exercício se torne uma aproximação inicial com a língua munduruku, valorizando seu uso na narrativa. No momento da leitura compartilhada do conto, quando surgir a palavra escolhida, o leitor responsável deve pronunciá-la e dizer o seu significado ao grupo. Essa proposta contribuirá, inclusive, para maior fluidez da leitura.

Com a conclusão da leitura compartilhada, deve-se retomar a reflexão. Pode-se prosseguir pela leitura coletiva ou propor uma leitura autônoma do trecho “Diversidade linguística” (p. 46). Trata-se de uma oportunidade para conversar sobre a riqueza e a importância das diferentes línguas indígenas no Brasil e fomentar a curiosidade dos leitores em pesquisar mais sobre a diversidade linguística do país. Para finalizar a atividade, pode-se convidar os participantes a escrever um pequeno parágrafo utilizando a palavra em munduruku que escolheram. Essa produção simples ajudará a ampliar o contato com a língua, exercitando a criatividade e reforçando a valorização das línguas indígenas, além de contribuir diretamente para o cumprimento da Lei n. 11.645 (Brasil, 2008).



Atividade **Debate e painel sobre temas sensíveis**

O livro *Histórias de índio* enseja reflexões sobre preconceito, estereótipos, dominação religiosa, uso de bebidas alcoólicas para manipular os indígenas e falta de respeito aos povos originários. Nesse contexto, temas sensíveis ou fraturantes como discriminação, invisibilidade social, perda de referências culturais e conflitos de pertencimento precisam ser trabalhados com cuidado. Refletir sobre como essas histórias dialogam com questões sociais e culturais da atualidade é fundamental para o desenvolvimento de uma postura crítica e respeitosa diante da diversidade. Assim, recomenda-se a condução da leitura com acolhimento e escuta, evitando exposições, e a oferta de rotas de cuidado (apoio escolar/comunitário) caso relatos pessoais emerjam.

A leitura dos trechos que apresentam esses temas pode ser realizada coletivamente em voz alta, com pausas para perguntas e comentários iniciais. Em seguida, sugere-se uma roda de conversa para que os leitores compartilhem o que sentiram, o que mais os surpreendeu ou incomodou e quais situações reconhecem ainda em nossa sociedade. É importante apoiar a reflexão sobre os contextos culturais indígenas e o olhar crítico sobre preconceitos e desigualdades, sempre reforçando o respeito às diferenças.

Em duplas ou trios, os leitores podem escolher uma das questões discutidas para uma análise mais aprofundada do tema sensível. A ideia é refletir se o problema ou conflito tratado ainda existe na sociedade, de que forma se manifesta, como é visto hoje e que contribuições as narrativas trazem para repensar convivência, diversidade e respeito. Para encerrar, o(a) educador(a) mediador(a) pode promover um debate em que cada dupla ou trio deve apresentar suas reflexões, ouvindo e contrapondo ideias de forma respeitosa, de modo a ampliar a compreensão crítica das questões discutidas. Como produto final, os jovens podem elaborar um painel com frases, palavras-chave, trechos das narrativas ou reflexões próprias, a ser exposto em espaço comum da escola ou biblioteca.

Projeto **A diversidade linguística dos povos originários**

A partir da atividade “A língua munduruku”, pode-se convidar os jovens leitores a aprofundar a pesquisa sobre a diversidade linguística dos povos indígenas no Brasil. A ideia é retomar as discussões realizadas e apresentar o vídeo “A língua dos povos indígenas” (indicado nos Recursos complementares), solicitando que os leitores anotem os pontos que considerarem mais interessantes. Com base nesse levantamento, sugere-se organizar a turma em pequenos grupos de pesquisa. Cada grupo pode se dedicar a um eixo de pesquisa. Um encaminhamento pode ser a divisão por troncos linguísticos, como Tupi, Macro-Jê e Arúak, mas também é possível que os grupos escolham outros temas relacionados à diversidade linguística, como: histórias e memórias associadas às línguas indígenas; línguas em risco de desaparecimento; iniciativas de revitalização linguística; presença de palavras de origem indígena no português brasileiro.



Cada grupo deve buscar informações em diferentes fontes, como livros, vídeos, entrevistas, sites de instituições de pesquisa ou organizações indígenas, e preparar um registro (em formato de cartaz, mural digital ou apresentação oral para a turma). Depois da pesquisa, pode-se organizar uma “Mostra da diversidade linguística”, em que cada grupo deve compartilhar seus resultados com os demais participantes e com a comunidade. Esse momento pode incluir exposições visuais (cartazes, painéis ou slides), leitura de pequenos trechos em diferentes línguas indígenas ou apresentação de mapas linguísticos.

Como produto final, os leitores podem construir coletivamente um “Glossário Ilustrado da Diversidade Linguística”, reunindo palavras em diferentes línguas indígenas, seus significados e pequenas explicações sobre a origem e o idioma ao qual pertencem. O glossário pode ser impresso (para ficar na biblioteca ou na escola) e/ou digital (inclusive com áudios com a pronúncia das palavras, se possível).

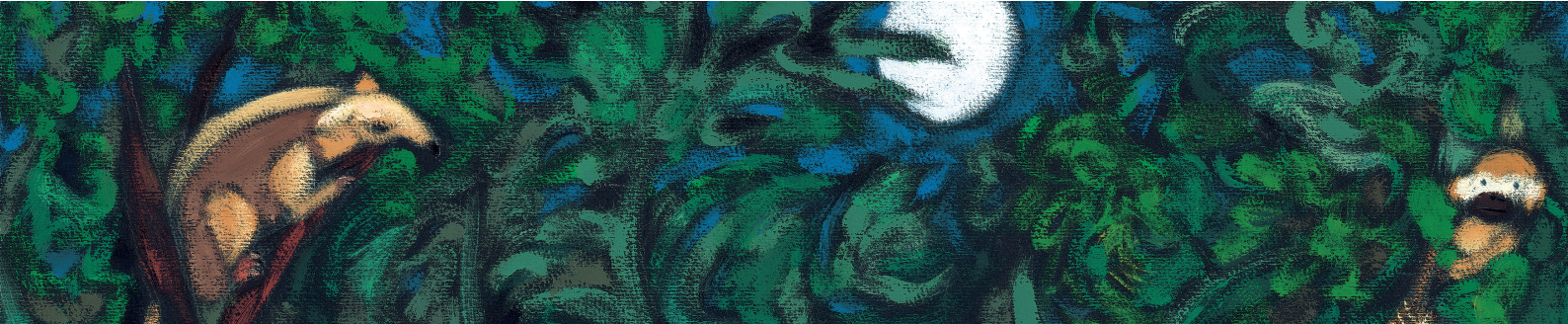
Projeto **Mostra cultural indígena: conhecendo histórias e saberes**

O projeto, com duração prevista de dois a três meses, tem como propósito aproximar os leitores da literatura indígena e das culturas dos povos originários do Brasil, incentivando o respeito à diversidade cultural e à contemporaneidade desses povos. Além disso, busca estimular habilidades de pesquisa, análise crítica e expressão artística, valorizando os saberes ancestrais por meio da leitura, da oralidade e da produção coletiva.

A proposta toma como ponto de partida a leitura do livro *Histórias de índio*, que deve servir de base para rodas de conversa sobre identidade, diversidade cultural, estereótipos e encontros entre mundos indígenas e não indígenas. Nessas rodas, os participantes podem registrar descobertas, dúvidas e perguntas, criando um espaço de diálogo e reflexão.

Outra etapa importante é a pesquisa sobre comunidades indígenas próximas, com a possibilidade de convidar representantes para participar da mostra cultural. Caso isso não seja viável, podem ser utilizados documentários ou materiais digitais, de modo a favorecer a desconstrução de estereótipos e ideias reducionistas. Quando possível, recomenda-se a realização de entrevistas ou rodas de conversa com lideranças, contadores e escritores indígenas, registrando informações, imagens, objetos culturais e relatos.

A culminância do projeto acontece na construção da mostra cultural, em que os participantes podem apresentar painéis com base nas pesquisas e narrativas trabalhadas, além de preparar contações de histórias e leituras dramáticas. Esse momento se torna um espaço de compartilhamento com a comunidade, reafirmando o valor da diversidade cultural, o protagonismo juvenil e a importância de se reconhecer a riqueza dos saberes indígenas no presente.



RECURSOS COMPLEMENTARES

A língua dos povos indígenas — vídeo

A LÍNGUA dos povos indígenas. Publicado pelo canal Itaú Cultural. [S. l.: s. n.]: 19 mar. 2019. 1 vídeo (5 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5yi_Qe-JG7U. Acesso em 29 maio 2026.

No vídeo, Daniel Munduruku lê uma crônica sobre a presença das palavras indígenas no nosso dia a dia e explica a origem das línguas indígenas e sua organização.

Histórias de índio, o primeiro livro — vídeo

HISTÓRIAS de índio: o primeiro livro. Publicado pelo canal Daniel Munduruku. [S. l.: s. n.]: 6 ago. 2021. 1 vídeo (1 h 05 min 36 seg). Disponível em: <https://tinyurl.com/primeiro-livro>. Acesso em 10 jun. 2026.

No vídeo, o autor conta como nasceu e como foi o processo de edição de seu livro, publicado em 1996. Trata-se de uma valiosa oportunidade de saber sobre a obra pelo próprio autor.

Secretário-geral da ONU nomeia ativista indígena Txai Suruí para Grupo Consultivo sobre Mudança Climática — notícia

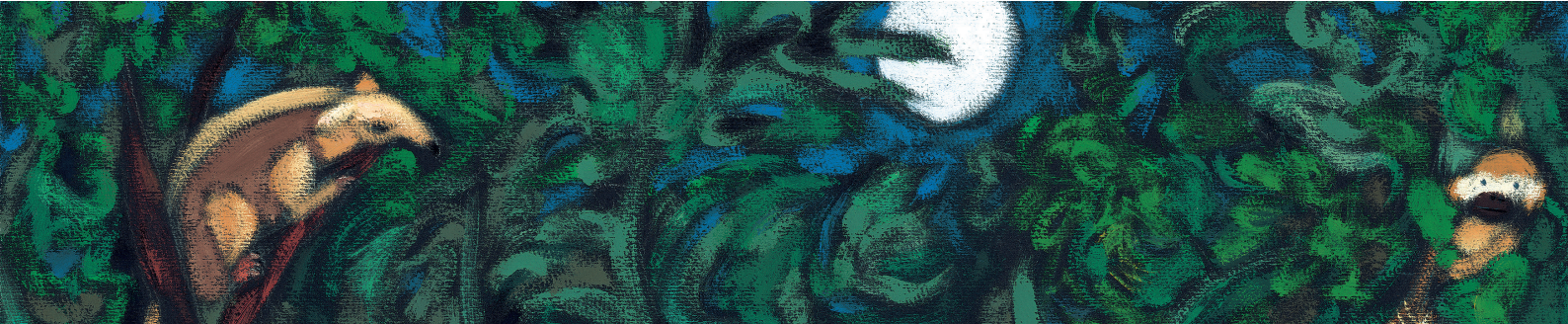
REIS, Ana Rosa. Secretário-geral da ONU nomeia ativista indígena Txai Suruí para Grupo Consultivo sobre Mudança Climática. *Nações Unidas Brasil*, 12 ago. 2025. Disponível em: <https://tinyurl.com/txai-surui-ONU>. Acesso em: 29 maio 2026.

A ativista indígena Txai Suruí, fundadora do Movimento da Juventude Indígena de Rondônia, é uma das 14 lideranças mundiais convidadas para compor o Grupo Consultivo sobre mudança climática. No Brasil, Txai também coordena a Associação de Defesa Etnoambiental — Kanindé, com mais de 30 anos de atuação na Amazônia. A notícia pode inspirar conversas sobre a presença dos indígenas em espaços globais e dos jovens indígenas na defesa socioambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BRASIL. *Lei n. 11.645*, de 10 de março de 2008. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: <https://tinyurl.com/lei-afro-indigena>. Acesso em: 29 maio 2026.



CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CECCHI, Rafaela Gracci. *A voz indígena na literatura infantil: uma análise da obra de Daniel Munduruku e sua contribuição para a Educação*. 2024. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) — Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/44674>. Acesso em: 29 maio 2026.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

DI GIACOMO, Fred. Breve história da literatura indígena contemporânea: pioneiros. *Ecoa. UOL*, 23 jul. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/07/23/breve-historia-da-literatura-indigena-contemporanea-pioneiros.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 29 maio 2026.

DORRICO, Julie. Ouvir a diferença: obras voltadas para crianças se tornam uma alternativa para autores indígenas ajudarem seus povos em meio à pandemia de covid-19. *Quatro Cinco Um*, 1º out. 2020. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/artigos/literatura/literatura-infantojuvenil/ouvir-a-diferenca/>. Acesso em: 29 maio 2026.

MUNITA, Felipe. *Eu, mediador(a): mediação e formação de leitores*. Lauro de Freitas: Solisluna Editora; São Paulo: Selo Emilia, 2024.

PATAXÓ, Carina Oliveira. Literatura indígena e a educação. In: LICÁ, Márcia (org.). *Infâncias e leituras: presenças negras e indígenas na literatura infantil*. São Paulo: Pulo do Gato, 2024.

SEGANFREDO, Thais. Daniel Munduruku: “Eu não sou índio, não existem índios no Brasil”. *Nonada*, 21 nov. 2017. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2017/11/daniel-munduruku-eu-nao-sou-indio-nao-existem-indios-no-brasil/>. Acesso em: 29 maio 2026.